

# O novo Senado

## A chave para o futuro

SÉRGIO MACHADO \*

Em seu último livro, *A Sociedade Informática*, o renomado pensador Adam Schaff adverte-nos no sentido de que, no mundo de agora, “as transformações revolucionárias da ciência e da tecnologia, com as conseqüentes modificações na produção e nos serviços, devem necessariamente produzir mudanças também nas relações sociais”.

Para Schaff, na verdade estamos atravessando uma nova revolução: a Revolução Tecno-Científica, mais conhecida como a “Segunda Revolução Industrial”. A primeira Revolução Industrial, ocorrida entre o final do século 18 e o início do 19, foi responsável pela substituição, na produção, da “força física do homem pela energia das máquinas”. Já a segunda, que ora vivemos, “consiste em que as *capacidades intelectuais do homem* são ampliadas e, inclusive, substituídas por autômatos, que eliminam, com êxito crescente, o trabalho humano da produção e nos serviços”.

De acordo com John D. Bernal, especialista em história da ciência, essa nova revolução é o fenômeno sociocultural de maior importância e de mais alto alcance mundial, na história da humanidade, já que ele dá oportunidade a um novo tipo de civilização, distinta e mais avançada do que a revolução neolítica, que possibilitou o tipo de civilização em que ainda vivemos. Essa nova revolução englobaria, no

mínimo, três outras revoluções: a *microeletrônica*, a *microbiológica* (com a surpreendente tecnologia da engenharia genética) e, finalmente, a *energética* (com a utilização pacífica da energia nuclear).

Num quadro assim, a chave para o futuro (vale dizer, o caminho para o desenvolvimento e a prosperidade) mudou de lugar. Não mais está, como nos ensinavam os amarelados compêndios da convencional economia, na trilogia dos ditos “três fatores da produção”: natureza, capital e trabalho. Hoje, a vida moderna agregou, ao ciclo da produção, um quarto e mais importante fator: a *tecnologia*, o conhecimento enfim. Na verdade, vivemos, hoje, a era da tecnologia e do saber, o componente mais expressivo no processo de geração e distribuição da riqueza.

Sem tecnologia (vale dizer, sem o conhecimento), não há como se pensar — sobretudo nos chamados países do Terceiro Mundo, onde nos situamos — na superação da miséria, do subdesenvolvimento, do atraso e dos males que, secularmente, têm infelicitado a vida de milhões de nossos irmãos. É o desenvolvimento da ciência e da tecnologia que aí está a explicar o prodigioso sucesso alcançado pelo Japão e pelos Tigres Asiáticos, que hoje disputam, com os Estados Unidos, a liderança mundial do mercado. Nesses países, sociedade e governo chegaram a um consenso sobre as bases de um projeto estratégico para o seu desenvolvimento social e econômico. E, num processo maduro e plural, conseguiram compartilhar responsabilidades conducentes a um desaguadouro comum, fazendo sentar-se à mesma mesa elites governamentais, parlamentares, empresários e a *intelligentsia*, envolvendo a comunidade científico-tecnológica e a educacional.

Desafio assim, no caso brasileiro, também a nós se impõe. Ou marchamos sob o compasso dos novos tempos ou estaremos definitivamente condenados a resvalar de vez nos irracionais ciclos da pobreza, excluídos das benesses do progresso humano. Temos, isto sim, de olhar para a frente, sociedade e governo unidos, indagando estratégicos caminhos para o nosso futuro, cuja chave (sabemos) está doravante representada pelo saber.

É chamar, pois, as instituições devotadas à produção do saber (particularmente as universidades) para que, no concerto dos diversos segmentos governamentais e sociais, desenhe-se, entre nós, um programa de desenvolvimento científico e tecnológico capaz de dar suporte ao nosso desenvolvimento econômico. Mas, sobretudo, ter a consciência de que desenvolvimento algum, no campo da ciência e da tecnologia, é possível enquanto imensa faixa de nossa população estiver reclusa nos bolsões de ignorância e miséria.

Somos, ainda, um país de analfabetos. Mas grave do que isso, educação para nós tem sido uma omissão histórica. Dos jesuítas de nossa Colônia aos PhDs da era moderna, educação tem sido um descaso e um insucesso não apenas governamentais, mas igualmente sociais. Essa postura terá de ser mudada. Haveremos de articular todas as nossas forças e, de vez, erradicar o analfabetismo, universalizando a educação básica e dando dignidade e sentido à escola, que deverá ter uma maior preocupação com a qualidade, o trabalho e a vida de nossa gente.

\* Deputado federal e senador eleito pelo PSDB do Ceará

